

REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA EM MUDANÇA LINGÜÍSTICA

Brigitte SCHLIEBEN-LANGE (Universidade de Tübingen)

ABSTRACT: The aim of the paper is to discuss the state of the art of historical linguistics. First of all the contributions to the historiography of language made by researchers in orality and text linguistics are discussed. Later on, the approaches of generative linguistics, of "naturalness" theories and above all of grammaticalization theory are presented. Finally some open questions are formulated, e.g., the role of generalizations in language tradition, the heuristic value of research in grammaticalization processes that have not been achieved, the question of evolutionary acquisition in the domain of language.

0. Para mim, os seminários realizados junto com Fernando Tarallo são inesquecíveis. Conseguíamos, juntamente com os alunos, entender as mais diferentes propostas de pesquisa sobre variação e historiografia, examiná-las em relação à sua produtividade e seus limites para depois aproximá-las. Por isso dedico a ele, com muito prazer, estas reflexões sobre as diferentes propostas de pesquisa mais recentes na área da historiografia. Começamos com uma afirmação muito antiga sobre a mudança lingüística:

"Dicimus ergo quod nullus effectus superat suam causam in quantum effectus est, quia nil potest efficere quod non est. Cum igitur omnis nostra loquela (...) sit a nostro beneplacito reparata post confusionem illam (...), et homo sit instabilissimum atque variabilissimum animal, nec durabilis nec continua esse potest, sed sicut que nostra sunt, puta mores et habitus, per locorum temporumque distantias variari oportet. (...) Si ergo per eandem gentem sermo variatur (...) successive per tempora, nec stare ullo modo potest, necesse est ut disiunctim abmotimque morantibus varie varietur, ceu varie variantur mores et habitus, qui nec natura nec consortio confirmantur, sed humanis beneplacitis localique congruitate nascuntur. Hinc moti sunt inventores

gramaticae facultatis: que quidem gramatica nichil aliud est quam quedam inalterabilis locutionis ydemptitas diversibus temporibus atque locis."

(Dante, De vulgari Eloquentia (I, IX, 6-11)

Por que será que começo com essa citação? Será que ela nos diz que sabemos hoje em dia tão pouco sobre a mudança lingüística como Dante na sua época? Ou, e esse será o sentido de meu começo, trata-se de indicações que valeriam a pena ser perseguidas hoje? Gostaríamos de ressaltar alguns aspectos da citação de Dante: ele afirma que uma língua não pode ser *durabilis*, porque os seres humanos também não o são. As línguas têm que mudar, se quiserem cumprir suas funções. Também não são *continuae*. Pode-se refletir sobre o que isto significa, se Dante usa simplesmente um sinônimo para *durabilis*. Acredito que posso defender a interpretação de que ele imagina uma outra nuance com *continuae*: as línguas não variam continuamente, mas em saltos. O ponto seguinte é importante: elas o fazem como *mores et habitus*. Elas se comportam igualmente aos outros objetos culturais, socialmente constituídos. Não podem ser fixadas, *nec natura nec consortio*, isto é, nem pela natureza, nem por veredito jurídico. Ganham sua estabilidade pelo *beneplacitum*, tradição e *locali congruitate*, proximidade local. Estes pontos de vista de Dante nos acompanharão no decorrer de nossas reflexões e serão retomados de vez em quando, como também me referenciarei a outros textos antigos.

1. O problema da mudança lingüística

Passaremos agora para o nosso tema: Como se apresenta o problema da mudança lingüística hoje, à luz de propostas de pesquisa mais recentes? Gostaria de apresentar as minhas reflexões em três passos. Num primeiro momento delinerei uma sistemática das questões sensatas e possíveis, depois caracterizarei os novos rumos das pesquisas e identificarei seus questionamentos e finalmente integrarei esses questionamentos na sistemática esboçada. Trata-se de averiguar que linha de pesquisa responde a que perguntas. E, finalmente, pretendo enumerar algumas questões em aberto e tentar formular algumas propostas de solução.

1. Sistemática e questionamentos

Já se passaram 35 anos da publicação do livro *Sincronia*,

diacronia e historia de Eugenio Coseriu e acredito que vale a pena relê-lo, com vistas ao nosso tema. Ele distingue nesse livro três problemas:

- o problema universal da mudança lingüística: *Por que* - ou melhor para que - as línguas mudam?

- o problema geral: *Como* as línguas mudam em geral?

- o problema histórico: *Sob que condições* ocorre uma determinada mudança lingüística? Não trataremos aqui este último problema, conhecido como *actuation problem* da teoria laboviana, mas apenas os dois primeiros.

1.1: O problema universal: a finalidade da mudança lingüística

Fashion or function? Eis a pergunta recentemente levantada por Jean Aitchison, na qual ela se refere à afirmação de Postal (1968), de que a mudança lingüística não é outra coisa senão uma moda, igual à mudança do gosto pelas roupas e pela música.

Essa afirmação parece ser extremamente insatisfatória, mas contém algo importante, a saber que a mudança lingüística se orienta numa determinada fase principalmente pela maneira como outros já estão falando. Retomaremos isto mais tarde. Naturalmente, isto não é tudo. As línguas variam, porque os falantes pretendem verbalizar da maneira mais adequada as suas intenções, e fazê-lo para os outros e como os outros. A historicidade das línguas resulta necessariamente dos dois universais da criatividade e da alteridade.

O que significa *verbalizar suas intenções adequadamente*? Recentemente tem-se sustentado cada vez mais que a razão principal para a mudança lingüística é a procura pela expressividade - veja, por exemplo, Lehmann "Every speaker wants to give the fullest possible expression to what he means" (Lehmann, 1985:304). Lord (1989) se manifesta de maneira semelhante e postula uma máxima da expressividade.

A intenção dos falantes se orienta para a língua ou para os textos? Parece mais natural a suposição de que a intencionalidade dos falantes se orienta para uma verbalização adequada de suas intenções expressivas em textos, que, portanto, ela não está focalizada na língua mesma, mas sim nos textos, e quando focaliza a língua, só o faz como meio para a expressão adequada dessas intenções textuais.

muito nítida. Por que será que somente o *segundo* é o agente da mudança e não o próprio inovador? Há duas razões para isto: a língua se constitui necessariamente pela alteridade. A língua não é uma língua particular, mas sim ligada a uma tradição comunitária. A segunda razão consiste no fato de que a inovação deve ter passado pela consciência do segundo falante, quer dizer que é preciso que tenha acontecido uma apropriação mental, uma aceitação consciente. Portanto, a aceitação significa também análise, interpretação do que é ouvido.

Gostaria de esboçar brevemente dois problemas:

- a) Discreção vs. continuum: A mudança lingüística se realiza gradualmente ou em "saltos"? Suponho que também aqui ocorre o mesmo que em outros problemas discutidos nos últimos anos, a saber que a resposta depende da maneira como se faz a pergunta. Suponho que as variações das línguas aparecem na consciência dos falantes como discretas, ao passo que a mudança lingüística, contemplada do exterior e à distância, aparece como uma mudança contínua que se evidencia em diferenças e frequências graduais. O mesmo aparece com relação à questão de saber se há variedades distintas nas línguas históricas ou se não se trata, no caso da variedade lingüística, de um fenômeno contínuo, de uma questão de mais ou de menos. Também aqui me parecem existir, na consciência dos falantes, variedades claramente delimitadas, cujos claros limites podem vir a se embaçar em virtude de uma observação vinda de fora. O discurso sobre a mudança lingüística encerra, sem dúvida, o perigo da reificação, ou seja, nós falamos como se as próprias línguas se modificassem, quando, na realidade, são sempre os falantes os sujeitos da mudança lingüística. Se, porém, tivermos em mente esse perigo da reificação, acredito ser possível manter a forma reduzida de falar da mudança lingüística.
- b) Um segundo problema básico é a passagem das microestruturas para as macroestruturas, um problema bem conhecido e muito discutido na sociologia. Na sociologia existem concepções bem distintas a esse respeito. Há sociólogos que partem do pressuposto de que já se encontra organizado no micronível, tudo aquilo que irá dar forma ao macronível do comportamento social; ao passo que os teóricos de sistemas partem justamente do pressuposto de que, na passagem do ato para o sistema, ocorre uma mudança qualitativa, pela qual o sistema recebe propriedades totalmente novas, ainda encontradas no nível do ato. E é exatamente esse problema que se

coloca também para a língua como instituição socialmente constituída.

1.2. O problema geral da mudança lingüística

Como as línguas mudam em geral? Que tipos de processos podem ser observados? Acredito que seria útil distinguir entre fala, língua e texto ou seja discurso.

fala	língua	texto (discurso)
(tradições mediais)		(tradições discursivas)

Parece-me importante examinar, de um lado, as mudanças mediais e, de outro, as mudanças das próprias tradições discursivas. Por outro lado, é muito importante identificar a influência desses dois níveis no nível da língua histórica.

No que se refere às próprias línguas históricas e suas mudanças, será preciso distinguir primeiramente os processos nos diferentes níveis: mudanças fônicas, mudanças morfológicas, mudanças na formação das palavras, da semântica léxica, da sintaxe, das estruturas textuais.

Além disso, será preciso estar consciente dos processos que resultam da interação dos diferentes níveis lingüísticos. Dessa maneira, processos de mudança lingüística na sintaxe podem ser provocados, por exemplo, por mudanças da entonação; a sintaxe tem que compensar perdas na morfologia; etc. etc.. Um outro grupo de processos se refere aos detalhes da organização de uma língua histórica. Aqui é preciso distinguir entre os princípios gerais de uma língua histórica (aquilo que Coseriu denomina *tipo*), o sistema, a norma e finalmente os diferentes atos do falar. Se numa comunidade de fala a opinião pública ou determinadas instâncias escolherem um determinado modo de falar como exemplar, então essa norma exemplar põe-se ao lado da norma usual, do que normalmente se fala. Neste sentido, as comunidades de fala podem atuar como comunidades históricas ou em direção ao purismo ou em direção ao sincretismo. Isto significa também que bloqueiam, através da decisão a favor de uma determinada norma de fala exemplar, o intercâmbio com os níveis de organização hierarquicamente mais altos.

É possível reduzir os processos observados nos diferentes níveis a alguns princípios gerais? Se este for o caso, quais são eles? As respostas podem ir desde uma fixação forte dos princípios, como, por exemplo, na forma dos princípios da gramática universal, na gramática gerativa, ou na forma da *bioprogram hypothesis*, tal como formulada por Bickerton, até a formulação de princípios bem gerais, do tipo cognitivo ou semiótico. Um princípio cognitivo desse tipo seria a relevância, um princípio semiótico seria a iconicidade.

2. Propostas recentes

Chegamos ao segundo ponto do artigo, a apresentação de algumas novas linhas de pesquisa, que agregarei segundo a sistemática acima desenvolvida. São, no total, sete linhas, que gostaria de apresentar aqui brevemente:

1. Pesquisas sobre a oralidade e escrita (pesquisas sobre a língua falada)
2. Pesquisas sobre a história das tradições discursivas
3. Sociolinguística histórica
4. Linguística cognitiva
5. Linguística gerativa
6. Pesquisas sobre a gramaticalização
7. Teorias da naturalidade

2.1. Oralidade e escrita

Gostaria de relatar primeiramente os trabalhos sobre as diferenças mediais e conceptuais entre oralidade e escrita, que são, para a pesquisa das variações no domínio da fala, de grande importância. No quadro da pesquisa particular "Transições e campos de tensão entre oralidade e escrita" da Universidade de Freiburg, foram examinadas principalmente transições da oralidade para a escrita e, sob este aspecto, especialmente os efeitos observados sobre as línguas em questão. Jürgen Erfurt realizou no grande projeto "Princípios da mudança linguística", o empreendimento de fazer frutificar essas pesquisas para a problemática da mudança linguística. Trata-se, como já foi mencionado anteriormente, de diferenças universais. Isto significa que as diferenças mediais e conceptuais entre oralidade e escrita são sempre e em qualquer lugar as mesmas. Para a descrição da mudança linguística é muito importante saber, apesar disso, quando e como essa transição ocorreu para uma

determinada língua histórica, e isto sob vários aspectos. A transição da oralidade para a escrita significa, a saber, que as línguas devem desenvolver determinados procedimentos, para que elas possam continuar a funcionar no modo novo. Isto significa que as categorias dêiticas devem ser traduzidas em definitórias, que procedimentos entonacionais devem ser transformados em formulações explícitas. Um outro aspecto importante a ser levado em conta é o fato de que, em decorrência da introdução da escrita, as línguas são primeiramente analisadas de uma determinada forma, segundo o sistema da escrita introduzido, isto é, ou como fonográficas ou ideográficas. Helmut Lüdtke tem ressaltado sempre este ponto de vista. Isto tem uma série de conseqüências: por exemplo, Wolfgang Raible mostrou recentemente como, a partir da dissolução da *scriptio continua* na Idade Média, se formou, gradualmente, uma consciência sobre a autonomia da palavra. Um outro aspecto importante é a pergunta pelo momento em que a normatização das línguas ocorre. Ela se realiza sob a impressão do domínio da escrita? Tentaria, então, a normatização eliminar sistematicamente tudo aquilo que se refere ao falar em proximidade, tudo aquilo que lembra o uso oral da língua ou será que uma língua está sendo normatizada numa época e no interior de uma constelação, havendo uma tolerância maior em relação a formas verbais próximas ao oral? Parece-me que a máxima tão importante para a normatização alemã "Escreva como você fala" deve ser entendida como uma máxima direcionada contra a fixação francesa da escrita. Um último aspecto a ser mencionado é que a introdução da escrita, ou mais tarde aquela da imprensa, atinge diretamente a difusão das inovações linguísticas. Somente com a introdução da escrita ou da imprensa fixam-se de maneira exclusiva as fronteiras de uma comunidade de fala, agora entendida como uma comunidade da escrita. Na Europa, essa fixação coincide freqüentemente com a constituição das nações.

2.2. Tradições discursivas

Estou bem consciente de que a noção de discurso é muito controversa e multifacetada. Apesar disso, ela me parece aqui perfeitamente adequada, por não implicar uma fixação em textos escritos, como é freqüentemente o caso da noção do texto. Gostaria de remeter aqui às pesquisas sobre a historiografia pragmática, tal como foi apresentada por Cherubim (1984) e depois novamente por Lerchner (1988), bem como às diversas tentativas de constituição de histórias de tipos de textos (especialmente no âmbito da pesquisa da historiografia

alemã no século XIX), às pesquisas sobre tradições discursivas (remeto aqui aos trabalhos de Peter Koch sobre a historiografia do italiano) e, finalmente, às pesquisas sobre a história das noções como história do discurso (D. Busse). A própria história das tradições discursivas é uma área muito importante da historiografia. Mas, analogamente ao que ocorre no domínio da oralidade/escrita, pode-se perguntar quais são as exigências para o desenvolvimento de uma língua histórica a partir do desenvolvimento de tradições discursivas. Se se pretende, por exemplo, desenvolver a prosa científica numa comunidade de fala, como é, por exemplo, o caso da Itália no fim do século XVIII, então a respectiva língua histórica deve desenvolver procedimentos utilizáveis para que a respectiva tradição discursiva possa funcionar. Justamente no exemplo da prosa científica uma mudança desse tipo não se restringirá à introdução de uma terminologia normatizada, mas se estenderá até o âmbito da sintaxe. Como no caso da oralidade e da escrita, a pergunta pelas tradições discursivas afeta diretamente a difusão de fenômenos lingüísticos, eventualmente também no sentido de uma delimitação negativa, de uma negação de um determinado estilo de uma determinada tradição discursiva. A comunidade lingüística, entendida dessa maneira, orientar-se-ia também pelo modo "como os poetas falam". Por isso, aquilo que se destaca, que é característico de uma tradição discursiva com base no princípio da *saliency*, é frequentemente assumido pela língua. Isto poderia ser comprovado com exemplos da Idade Média românica. Penso, por exemplo, na presença massiva do *si* nas epopéias em francês antigo, na frequência de frases verbais do tipo *aller* + infinitivo em epopéias em francês antigo, ocitano antigo e catalão antigo, na associação da circunlocução inglesa com *to do* com determinadas tradições estilísticas, que Dieter Stein comprovou recentemente, na flexão de dois casos como marca característica da poesia trovadoresca.

2.3. Sociologia e sociolingüística

Neste contexto gostaria de mencionar, primeiramente, a teoria da mão invisível, que Rudi Keller trouxe recentemente para a discussão sobre a mudança lingüística. A teoria da *mão invisível* (*Invisible-hand*) é uma teoria econômico-sociológica, que parte do pressuposto de que, num nível organizatório mais alto, a partir de meras ações intencionais individuais, organizam-se sistemas, no nível da ação, tentados de tal maneira por nenhum dos agentes intencionais. Trata-se, pois, de uma teoria sociológica, que diz respeito justamente à distinção acima

esboçada entre o micronível e o macronível.

Além disso, é preciso pensar sobretudo na sociolinguística histórica, da forma como se organizou e desenvolveu no círculo de Labov e seus seguidores. Os questionamentos e princípios de uma sociolinguística histórica desse tipo já foram formulados em 1966 por Weinreich, Labov e Herzog. Já nessa época foram nomeados os cinco problemas da mudança lingüística, a saber *constraint*, *transition*, *embedding*, *evaluation* e *actuation*. Estes diferentes problemas foram explorados, de um lado, por vários alunos de Labov nos Estados Unidos, mas também, de maneira produtiva, na Grã-Bretanha, por Trudgill, Milroy e Suzanne Romaine. Todas essas pesquisas se referem à aceitação, isto é, à questão de verificar, quais são os grupos sociais decisivos para a aceitação das inovações lingüísticas. A importância dos *peer-groups* foi sobretudo ressaltada pela escola Laboviana e, ultimamente, também por Penelope Eckert, que é uma das poucas pesquisadoras que utiliza também a noção sociológica da coorte (lat. *cohorte*). Na sociolinguística britânica, a noção de rede (*network*) desempenha um grande papel. Ela é vista como um lugar social, onde as inovações se difundem. Milroy levanta também o problema da transição do micronível para o macronível. Assim, a noção da rede estaria ligada ao micronível, isto é, às relações sociais visíveis e controláveis, enquanto que a comunidade de fala se localizaria no macronível. Nos últimos tempos, tem-se pensado em estabelecer unidades sociais mediadoras entre o micronível da rede e o macronível da comunidade de fala, tais como, por exemplo, *life style* ou *modalities of life*.

Na sociolinguística histórica deste cunho, os procedimentos quantitativos desempenham um grande papel, isto é, nessa perspectiva os fenômenos de mudança aparecem freqüentemente como fenômenos graduais, isto é, como fenômenos lingüísticos que podem ser representados através de medições de freqüência e descrições probabilísticas.

Para o melhor entendimento desse rumo, é preciso esclarecer que ele se baseia no *uniformitarian principle*, portanto do pressuposto de que os princípios da mudança lingüística são sempre e em qualquer lugar os mesmos. Este *uniformitarian principle* desempenhou, já no século XIX, no grupo dos neogramáticos, um papel importante, induzido, naquela época, pelo debate sobre o atualismo na geologia. De

forma análoga a essa doutrina da geologia, que pressupõe que é possível observar ainda hoje todos os fenômenos da história das diferentes eras geológicas, o *uniformitarian principle* significa que os princípios da mudança lingüística poderiam ser deduzidos através da observação dos processos de mudanças lingüísticas atuais. Tal suposição foi contraditada nos últimos tempos.

2.4. Propostas cognitivas

Refiro-me aqui a teorias cognitivas fora da lingüística gerativa, portanto, às diferentes teorias semântico-cognitivas. Surpreendentemente são poucos os linguistas cognitivistas que se manifestam sobre a pesquisa da mudança lingüística. Penso, por exemplo, em Eve Sweetser e Dirk Geeraerts. Por outro lado, observa-se a aplicação de princípios cognitivos principalmente na pesquisa sobre a gramaticalização. Heine/Reh pressupõem, por exemplo, que os tipos de gramaticalização por eles constatados, são cognitivamente interpretáveis. O princípio cognitivo da relevância, tal como foi principalmente formulado por Sperber & Wilson, desempenha um grande papel na interpretação de König e Traugott, no que se refere à transição de conjunções que exprimem simultaneidade para concessivas (por exemplo, *while* em inglês e *cependant* em francês). A reflexão é a seguinte: aquilo que aparece conjunta e simultaneamente somente é enunciado, com base em uma máxima de relevância (no sentido de Grice), se essa simultaneidade for saliente, incomum, em suma, relevante. Uma forma invulgar da simultaneidade seria justamente a oposição, identificada como concessividade.

2.5 Propostas gerativas

Analogamente ao que ocorre na lingüística cognitiva, encontramos também poucas manifestações explícitas sobre a mudança lingüística no âmbito da lingüística gerativa. Isto é compreensível sobretudo com base em seu compromisso teórico-científico com teorias explanatórias. No momento em que nos apoiamos em explicações e previsões dentro do quadro do esquema de Hempel/Opppenheimer, a mudança lingüística aparece como algo contraditório e caprichoso, que deve ser considerado como fora do âmbito deste modelo explicativo (ver, por exemplo, em Lass (1980), diferentemente em Lightfoot (1991). Porém, é justamente aqui que vimos delinear-se nos últimos anos, uma tendência interessante, com base nas pesquisas sobre a parametrização.

Nesta perspectiva, a mudança lingüística aparece como mudança na parametrização da gramática universal no interior de uma comunidade de fala ou de uma determinada população. Neste contexto, o livro *Setting of Parameters* (1991) de Lightfoot é de especial interesse. A pressuposição da gramática gerativa seria de que a parametrização ocorreria numa determinada idade "crítica", isto é, que estaria diretamente ligada à aquisição da primeira língua (isto aliás, já foi ressaltado por Traugott, 1981). Porém é preciso se perguntar, se isto é realmente assim ou se as tentativas de generalização não orientam a aquisição de novas línguas e a exploração de novas variedades. As diferentes observações a respeito da hipercorreção, principalmente feitas pela escola Laboviana, favoreceriam essa última interpretação, como aliás também as reflexões de Wurzel (1979) sobre as regras de adaptação dentro de uma comunidade de fala.

O mais interessante dessa visão é a compreensão da mudança lingüística como forma de uma conclusão abdutiva. Essa noção foi introduzida por Andersen (1973) e se refere à distinção de diferentes procedimentos conclusivos de Peirce. A conclusão abdutiva seria tal que, conhecidos a lei e o resultado, o caso é deduzido. A lei seria, segundo essa visão, a gramática universal; o resultado, o *output*, sobre o qual um aprendiz de uma língua parametriza, e aquilo a ser concluído seria, por assim dizer, a gramática de uma língua histórica.

Dessa maneira, cada aquisição de uma língua seria, nessa visão, uma reinterpretação de dados lingüísticos disponíveis. Bickerton argumenta em *Roots of Language* de maneira parecida no que se refere à constituição de línguas crioulas. Um argumento a favor da importância da reinterpretação em processos de mudança lingüística são as típicas evoluções em curvas - S dos processos de mudança lingüística (Aitchison, 1987). Estes deveriam ser interpretados como índices de que os dados se modificam lenta e gradualmente e que, depois dessa fase da reinterpretação, ocorreria uma extensão do tipo bola de neve (*snowball*) da mudança lingüística em questão.

As reflexões de Lightfoot sobre as bases da parametrização são, aliás, também interessantes para lingüistas que não trabalham no quadro da lingüística gerativa. Neste caso, também se levanta a pergunta sobre a base a partir da qual os falantes realizam generalizações, reanálises. As perguntas formuladas por Lightfoot: O que são *robust data*, quais são os princípios de interpretação que tornam esses *robust data*

reconhecíveis, o que pode ser considerado sensível para a parametrização, são de grande relevância para aqueles que trabalham com a reanálise em processos de mudança lingüística.

2.6. Pesquisas sobre a gramaticalização

Esta orientação é a mais complexa de todas, representada e divulgada por Lehmann nos seus trabalhos programáticos de 1982 e 1985, e depois principalmente nas coletâneas organizadas por Heine & Reh, por Traugott & Heine e por Heine, Claudi & Hünemeyer, bem como nos diferentes textos de Thomas Stolz. Essa perspectiva se alimenta principalmente das pesquisas sobre universais e tipologia. Nelas também se tratava de identificar e trabalhar as diferentes dimensões lingüísticas nas diversas línguas históricas. E esta concepção do lingüístico em forma de dimensões a serem trabalhadas, prossegue, a seguir, nas diversas pesquisas sobre gramaticalização.

Essa orientação oferece a grande vantagem de dispor de uma grande quantidade de dados das mais diversas línguas e, por isso, ser capaz de efetuar generalizações relativamente abrangentes. Caracteriza-se também por uma forte tendência à integração, por exemplo, pela incorporação de reflexões cognitivas, mas também por sua abertura para propostas pragmáticas (Givón, Raible).

Naturalmente, a gramaticalização é somente um dos diferentes tipos de processo que estruturam a mudança lingüística. Heine /Reh (1984) elaboraram uma lista de diferentes processos; Claudi/Heine (1991) ressaltam especialmente a metaforização como base da gramaticalização mais tardia. Lehmann (1989) caracteriza a gramaticalização em oposição à lexicalização, na medida em que, na realidade, os dois diferentes tipos de mudança lingüística seguem princípios diferentes. Enquanto a gramaticalização se orienta por um princípio da transparência, a lexicalização é conduzida pelo princípio da percepção totalizante, em sentido semelhante ao da teoria da Gestalt.

A pesquisa sobre a gramaticalização se especializou ultimamente sobretudo na identificação e descrição de canais de gramaticalização singulares (*paths*), isto é, em determinadas séries, que são sempre identificáveis nos processos de gramaticalização em diferentes línguas. Heine e suas colaboradoras descrevem um canal de gramaticalização *person - object - space - time - process - quality*. Traugott/König

caracterizam o já mencionado canal de gramaticalização temporal - causal - concessivo. Thomas Stolz apresentou recentemente pesquisas abrangentes sobre o canal de gramaticalização partes do corpo - espaço. Cassirer (1923-1929) apontou explicitamente este canal de gramaticalização.

"Realmente é um fato continuamente observado que a expressão de relações de espaço está intimamente ligada a determinadas palavras orgânicas, entre as quais as palavras que designam partes singulares do corpo humano ocupam o primeiro lugar." (p.159)

Uma outra tentativa nessa direção é a caracterização da dimensão da junção por Wolfgang Raible, que se move ao longo do canal da agregação em direção à integração. Elisabeth Traugott faz uma proposta parecida, que ultrapassa, a meu ver, a gramaticalização (retomarei essa afirmação daqui em diante): ela ressalta que nas línguas modernas há uma passagem da caracterização lingüística de situações externas para a caracterização de situações internas, depois uma passagem das categorias situacionais para as textuais e finalmente uma terceira passagem adjacente para a formação de tais categorias que permitem a expressão da subjetividade, isto é, as *attitudes* e *beliefs* de sujeitos falantes individuais.

Uma pergunta particular neste contexto seria se realmente todos esses processos de gramaticalização se dão na mesma direção (problema de unidirecionalidade) ou se poderíamos imaginar reversões (veja para isto Lehmann, Traugott). Isto, aliás, leva também a questionar se é sempre preciso pressupor uma hierarquia do tipo discurso - sintaxe - morfologia, isto é, se todas as categorias morfológicas, em última análise, remontam a categorias discursivas-funcionais. Essa pressuposição desempenha um papel importante no rumo de pesquisa desenvolvido por Givón.

E, finalmente, seria preciso refletir sobre o estatuto dos diferentes processos de gramaticalização aqui identificados. Trata-se de generalizações sobre processos observados nas diferentes línguas históricas ou será que esses tipos de processo são redutíveis a princípios ainda mais gerais?

2.7. As teorias da naturalidade

As reflexões que imaginam a evolução da mudança lingüística em direção a uma simplicidade maior, são antigas. Martinet, por exemplo, caracteriza a mudança lingüística como um balanceamento contínuo entre dois princípios diferentes, a saber entre a *économie* e a *expressivité*. Depois, Bailey (1973) formulou de maneira explícita a abolição da marcação como ponto de partida de qualquer mudança lingüística. As diferentes propostas de pesquisa que nasceram dessa reflexão são principalmente ligadas a nomes como Dressler, Mayerthaler, Wurzel. Neste contexto de pesquisa pressupõe-se que as tendências da mudança lingüística seguem determinados princípios de naturalidade, que podem, inclusive, se contradizer uns aos outros em casos concretos, o que seria uma razão para o fato de não se poder prever a mudança lingüística. Em primeiro lugar, aliás, os teóricos da naturalidade não partem do pressuposto de que os princípios da naturalidade são inatos, como é o caso dos princípios da gramática universal, mas sim caracterizam os princípios da naturalidade como propriedades constitutivas dos sistemas semióticos. Princípios de naturalidade são, por exemplo: adequação ao sistema, motivação, transparência, uniformidade/distintividade (isomorfia), iconicidade, comprimento ideal da palavra. O princípio da adequação ao sistema merece, sobretudo, nossa atenção. Wurzel afirma ser este o princípio mais alto de naturalidade, ao qual se submetem os demais. Este é um ponto de vista muito interessante. Ele parece responder à questão dos diferentes níveis de organização do lingüístico, aos quais nos referimos anteriormente. Inovações na língua (isto é, na norma e na fala), corresponderiam aos princípios básicos do sistema, ou, do ponto de vista hierarquicamente mais altos ainda, do tipo E justamente as inovações que se movem no interior desse quadro têm maiores chances de serem aceitas pela comunidade de fala. Aqui se levanta, sem dúvida, a questão do que é, afinal, uma comunidade de sistema e se justamente isto não depende também de uma reanálise por novos falantes ou por novas gerações de falantes.

A respeito das propostas das pesquisas sobre gramaticalização e naturalidade, podemos afirmar resumidamente:

1. Em ambas as orientações, trata-se de reconstruir para as inovações os caminhos (*paths*) e os limites (*constraints*), que depois promovem ou impedem a aceitação na comunidade de fala.

2. Em ambas as tendências, levantou-se a questão se os canais reconstruídos ou os princípios de naturalidade são redutíveis a princípios hierarquicamente mais altos, tais como, por exemplo, transparência vs. Gestalt, economia vs. expressividade, similaridade (metáfora) vs. contigüidade (metonímia).

3. Neste contexto, levanta-se também a pergunta se os processos e os princípios, formulados de tal maneira, valem também para outros sistemas semióticos, talvez até para outras produções culturais e sistemas sociais em geral. Se for este o caso, então estaria lançado um desafio às teorias lingüísticas biologicamente orientadas.

Podemos afirmar resumidamente, em relação a todas as linhas aqui mencionadas, que a diferença entre "causas" externas e internas se embaça consideravelmente em nossa perspectiva. Isto se explica, de um lado, por uma compreensão ampla do lingüístico e, de outro, por uma aceitação da relação, considerada desde o início como indissolúvel, entre a criatividade e a alteridade. Podemos falar de condições externas somente sob dois aspectos:

1. em relação às formas de prestígio:

Neste caso tratar-se-ia de uma forma extrema de necessidade a de falar "como os outros", de modo que a função de uma constituição do grupo ofuscaria a intenção de expressão.

2. Situações de contato:

A variabilidade da fala que exige, a partir de um determinado grau de obscuridade, a reinterpretação, tem sua origem justamente no fato de que diferentes tradições lingüísticas que se entrecrocaram, seja em forma de diferentes línguas, de diferentes variedades de uma língua, de épocas lingüísticas anteriores ou, mesmo, no caso da confrontação com uma variedade purística exemplar da mesma língua.

3. Questões em aberto e propostas

Gostaria de formular brevemente algumas questões em aberto e apresentar algumas propostas, que pretendo tratar mais explicitamente.

3.1. A relação dos níveis micro e macro, isto é, o problema da *invisible*

hand. De que maneira essa problemática é tratada em outras disciplinas, que trabalham com objetos sociais e culturais?

3.2. O problema dos ritmos diferentes está intimamente ligado a isto. Acredito que a historiografia lingüística pode se beneficiar da distinção das diferentes *durées*, como Braudel os desenvolveu para a história. Assim, os processos macro estariam ligados à *longue durée*.

3.3. A problemática do *uniformitarian principle*: Se partirmos da uniformidade dos processos ao longo do tempo, então será certamente sensato pesquisar processos de mudança lingüística sincrônicos; porém, se duvidarmos da eficácia desse princípio, será preciso analisar documentos históricos e é neste momento que se levantam problemas metodológicos que se referem à construção de séries e à consideração do fato de que os documentos históricos se orientam em direção à escrita.

3.4. No contexto do problema do *uniformitarian principle*, caberia refletir novamente sobre o modo de existência do histórico na sincronia, talvez em forma de polissemias semânticas, de interpretações coexistentes ou coocorrentes de resultados de processos de formação de palavras, de fases simultâneas de gramaticalizações, de resultados de expansão intensiva e extensiva dentro de uma comunidade de fala.

3.5. A passagem discurso -> sintaxe tem o mesmo estatuto da passagem da sintaxe para a morfologia? O que quer dizer discurso (ou estilo)? Significa que, no ponto de partida dos processos de gramaticalização, encontramos a variação livre, que depois vai sendo reduzida através de uma reinterpretação, ou significa que os processos de mudança lingüística são induzidos discursivamente, isto é, que as tradições discursivas são o ponto de partida de processos de mudança lingüística, ou ainda, que há categorias discursivo-funcionais que constituem o ponto de partida para processos de aceitação na sintaxe e na morfologia? Isto se oporia aos resultados de Abraham, Traugott e Sasse, que descobriram que, muitas vezes, as categorias discursivo-funcionais nascem somente no final dos processos da mudança lingüística.

3.6. Que dizer da unidirecionalidade dos processos de gramaticalização?

3.7. A mudança lingüística tende naturalmente para a divergência?

Ligada à questão da unidirecionalidade está também a questão da possibilidade de descrever as convergências através de teorias de mudança lingüística. Todos os modelos historiográficos existentes estão equipados para descrever divergências, desenvolvimentos separados (compare Lüdtke). Isto significa então que na historiografia lingüística nada pode convergir? Certamente não, mas seria novamente preciso distinguir duas questões diferentes, a saber, a questão da nivelação de diferenças lingüísticas e a questão da convergência de fenômenos lingüísticos. Para isto parece ser adequado recorrer, sobretudo, à reinterpretação.

3.8. Como um tipo de uma língua se modifica? Como a adequação ao sistema (Wurzel) se modifica? Neste contexto pode-se supor que os fenômenos lingüísticos são reinterpretados em determinados casos, justamente quando são muito contraditórios ou assistemáticos. Este seria, por exemplo, o caso da constituição das línguas crioulas. Lang (1981) demonstrou que, nesse caso, a substância europeia é interpretada em termos de uma outra forma. Isto também se aplicaria ao caso de uma variação muito ampla, em virtude da decadência de modelos lingüísticos ou do aumento de diferentes tradições discursivas, como, por exemplo, na antiguidade tardia ou na renascença. Tomaremos o exemplo de um novo tipo de sintagma que se observa na língua alemã falada pelos jovens: sintagmas do tipo "voll die tolle Fete" (totalmente uma boa festa, *uma festa muito boa*), "ur die dumme Kuh" (muito a vaca burra, *a vaca muito burra*). Se construções desse tipo se expandissem mais, isto teria conseqüências extensas para a interpretação do tipo da língua alemã. O alemão se apresenta como uma língua caracterizada pela grande autonomia da palavra, fonologicamente identificada também pelo acento inicial, *glottal stop*, etc. Se construções desse tipo vierem a ter uma difusão maior e passarem para outros âmbitos sintáticos, isto poria em xeque a caracterização do alemão como língua de palavras.

3.9. Falamos repetidamente que seria sensato entender a mudança lingüística como uma forma especialmente complexa de uma mudança socialmente determinada de objetos culturais. Seria interessante verificar como outras ciências sociais e culturais lidam com os fenômenos de mudança. Rudi Keller nos forneceu uma tentativa desse tipo ao introduzir o conceito da *invisible hand*. Minha proposta seria testar um domínio conceitual, elaborado na sociologia, visando à sua utilidade na pesquisa sobre a mudança lingüística: a noção de geração e

de coorte como concretização metodológica do conceito de geração. Vimos que Dante alista a língua na totalidade dos produtos humanos, sociais e culturais: *puta mores et habitus*. Por que, então, não se inspirar nas ciências que têm a ver com *mores e habitus*? Aqui seria interessante ocupar-se com o conceito de geração como sujeito da reinterpretação. A coorte da faixa etária seria, por exemplo, em oposição à rede como grupo de referência social, um prolongamento metodológico de noção da geração, que tem sido utilizada especialmente nos estudos longitudinais na área das ciências sociais e que é especialmente adequada para descobrir a evolução da difusão. No que se refere à própria noção de geração como uma noção enfática de uma interpretação uniforme da realidade por uma determinada faixa etária com experiências semelhantes, será preciso se ocupar com o texto clássico de Mannheim (1928), onde ele distingue entre estratificação (isto é, estratificação social ou também de gerações) e grupo (que se baseia em relações sociais de fato). As gerações são tão importantes, pelo fato de que a cultura tem que ser produzida de novo a cada momento e os antigos portadores da cultura vão sempre desaparecendo. Cada geração percebe somente uma parte limitada da história e, apesar dessa limitação da percepção, sempre é preciso transmitir novamente a cultura. Sem dúvida, a noção da geração não é incontroversa. Um problema não resolvido é aquele das gerações intermediárias; um outro problema é a divisão interna dos grupos de gerações. Apesar disso, seria certamente sensato perguntar se, nos processos de mudança lingüística, as gerações não entrariam como sujeitos da mudança - a noção da mudança tomada aqui no sentido de reinterpretação.

3.10. No que se refere à questão da aceitação e difusão, gostaria de propor a aplicação sistemática de um procedimento conhecido e eficaz das ciências da cultura, que consiste em deduzir do patológico, o normal, do negativo, os princípios do positivo. Isto nos permitiria deduzir, a partir do fracasso da mudança lingüística, os princípios que regem seu sucesso. Parece-me que este procedimento é realmente o caminho ideal da pesquisa sobre a mudança lingüística. Seria preciso, então, analisar os caminhos interrompidos da gramaticalização ou diferentes processos de gramaticalização ocorridos em diversos grupos ou comunidades de fala, e reconstruir, a partir dos fracassos e das diferenças, de maneira "ex negativo", os princípios de seu sucesso. Jean Aitchison usou recentemente a imagem da junção de espaguete (Spagetthi-Junction), que, muitas vezes, ultrapassa o tipo de espaguete, tomando formas de "bami goreng", como escreve jovialmente. Com

isto, ela se refere à variedade de procedimentos para a marcação do tempo, modo e aspecto nas diferentes, recém-constituídas línguas crioulas, que, depois de pouco tempo, são reduzidas a alguns poucos procedimentos gramaticais de pouco sucesso. Dieter Stein apresentou um outro exemplo para esse tipo de pesquisa, ao comparar a gramaticalização inglesa de *to do* com propostas semelhantes apresentadas na historiografia lingüística alemã. Algo parecido também foi apresentado por Marinel Gerritsen, que comparou diferentes tentativas, eficazes ou interrompidas, para a fixação da ordem das palavras nas línguas alemã, holandesa e inglesa. Pilava procede de maneira parecida no caso da gramaticalização do *que enonciatif* em gascão. Uma pesquisa comparável também poderia ser imaginada sobre a polissemia da perífrase verbal *aller + infinitivo* nos textos tardio-medievais do francês antigo, ocitano antigo e catalão antigo, que depois levaram a gramaticalizações muito diferentes nessas três línguas. Uma forma extrema do fracasso de processos de gramaticalização seria a morte de línguas. Também nesse caso, o princípio de pesquisa aqui proposto se comprovaria. Se soubermos como as línguas morrem, quais são as funções que vão desaparecendo sucessivamente, então saberemos quais as funções vitais para o funcionamento da língua.

3.11. Uma última proposta se refere à pergunta sobre a direção geral da mudança lingüística. Não se trata mais de processos que ocorrem dentro de uma determinada língua histórica, mas de saber se é possível fazer quaisquer afirmações sobre como a língua muda em geral, no sentido de processos evolucionários e não reversíveis. Tal questionamento não é compatível nem com propostas biológicas, que partem justamente da invariação do equipamento genético, nem com as pesquisas da gramaticalização e da naturalidade, que partem da abolição recíproca de processos de gramaticalização. Propostas desse tipo não são raras se pensarmos na visão do *newspeak*, formulado por Orwell no seu romance *1984*, que poderia ser interpretado como a vitória da naturalidade, de conformidade com o modo como Bailey (1973) interpreta o objetivo da mudança lingüística, que leva a uma língua, onde a isomorfia, a transparência e a iconicidade predominam. Neste sentido, todas as línguas do mundo encarnariam basicamente uma única idéia lingüística, que se orientaria exclusivamente pela língua científica. Isto não é, aliás, uma utopia nova, visto que foi formulada pela primeira vez no final do século XVIII, pelo grupo francês dos *Idéologues*. Uma outra interpretação da direção geral da mudança lingüística é apontada por Elisabeth Traugott, ao falar da transição da situação externa para a

situação interna, da situação para o texto e finalmente para a subjetividade. A questão é se ela não estaria caracterizando na realidade, uma mudança, intimamente ligada à disseminação universal da escrita, que exige justamente a tradução de categorias situacionais para categorias contextuais. Aqui seria interessante pensar em propostas, feitas em textos clássicos. Pensamos, por exemplo, em Cassirer, que caracteriza, na sua *Filosofia das Formas Simbólicas*, no seu primeiro volume, publicado em 1923, dedicado à língua, as diferentes fases da expansão lingüística do seguinte modo: uma fase de expressão sensual, é seguida por uma fase de expressão concreta, onde se constituem as categorias do espaço, tempo, número e o eu, depois ocorre uma fase da constituição do pensamento abstrato, caracterizado pela formação de noções e classes; e finalmente ocorre uma fase da constituição de formas de relação lógica. Todas essas unidades de fases diferentes existem numa língua formada, umas ao lado das outras. Até uma língua plenamente expandida contém ainda elementos da expressão sensual ou concreta. Porém, observa-se, no decorrer da história do ser humano, um deslocamento do sensual para as formas de relação lógicas. E, finalmente, uma última proposta nessa direção, parecida com aquela que citamos do mais recente trabalho de Elisabeth Traugott, é a da teoria da linguagem de Karl Bühler, publicada em 1934:

"A língua dos seres humanos como instrumento de representação, como hoje a conhecemos, já passou por diversas fases de desenvolvimento, que podem todas ser vistas como uma libertação progressiva do apontar e como um sucessivo afastamento do pintar. A desvinculação das enunciações individuais de recursos da situação, bem como do campo de mostração da língua é um tema.

É possível que superestimemos a desvinculação do campo da mostração, é possível que subestimemos a representação de um estado de coisas a partir do conhecimento sobre este estado de coisas." (p.255)

Com a ajuda dessas últimas referências a uma época muito frutífera para as reflexões lingüístico-teóricas, bruscamente interrompidas na Alemanha e que precisamos recuperar pouco ao pouco, procurei apontar retrospectivamente e através da ultrapassagem de paradigmas, outras possibilidades de se enxergar a mudança lingüística.

(Recebido em 20/12/1993)

Nota do tradutor

* Texto traduzido do original alemão "Überlegungen zur Sprachgeschichtsforschung" por Ute Bärnert-Fürst (UNICAMP). Revisão do original da tradução: Prof^a. Dr^a. Ingedore Villaça G. Koch (UNICAMP).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, W. (1991) The Grammaticalization of the German Modal Particles. IN: E. C. Traugott & B. Heine (eds.) *Approaches to grammaticalization*, Bd.2, Amsterdam Philadelphia, p.331-380.
- AITCHISON, J. (1987) The Language Life Game. Prediction, Explanation and Linguistic Change. IN: KOOPMAN, W. et al (eds.), *Explanation and Linguistic Change*. Amsterdam/Philadelphia.
- ANDERSEN, H. (1973) Abductive and deductive change. IN: *Language*, 49/4: 765-793.
- BAILEY, C.J.N. (1973) *Variation and linguistic theory*. Arlington.
- BÜHLER, K. (1934) *Sprachtheorie*. Jena.
- CASSIER, E. (1923-1929) *Philosophie der symbolischen Formen*, 3 vols., Berlin.
- CHERUBIM, D. (1984) Sprachgeschichte im Zeichen der linguistischen Pragmatik. IN: BESCH, W. et al. (eds) *HSK 2.1: Sprechgeschichte: Ein Handbuch zur Geschichte der deutschen Sprache und ihrer Erforschung*. Berlin/New York.
- CLAUDI, U. & B. HEINE (1986) On the metaphorical base of grammar. IN: *Studies in Language*, 10.
- COSERIU, E. (1958) *Sincronia, diacronia e historia. El problema del cambio lingüístico*. Montevideo.
- ECKERT, P. (1988) Adolescent social structure and the spread of linguistic change. IN: *Language in Society*, 17: 183-208.
- _____. (1991) (Ed.) *New Ways of Analyzing Sound Change*. New York.
- GEERAERTS, D. (1985) Cognitive Restrictions on the Structure of Semantic Change. IN: FISIÁK, J. (ed.), *Historical Semantics Historical Word Formation*. Berlin/New York/Amsterdam.
- GIVON, T. (Ed.) (1983) *Topic Continuity in Discourse: A Quantitative Cross-Language Study*. Amsterdam.
- HEINE, B., U. CLAUDI & F. HÜNNEMEYER (1991) *Grammaticalization*. Chicago-London.
- _____. & M. REH (1984) *Grammaticalization and Reanalysis in African Languages*. Hamburg.

- _____ & T. STOLZ. *Grammaticalization as a Creative Process*. Ms.
- KELLER, R. (1990) *Sprachwandel: Von der unsichtbaren Hand in der Sprache*. Tübingen.
- KOCH, P. (1991) Semantische Valenz, Polysemie und Bedeutungswandel bei romanischen Verben. IN: KOCK & KREFELD (Ed.) *Connexiones Romanicae*. Tübingen. 279-306.
- KOCH, W. A. (ed.) *Genesis of Language*. Bochum.
- LASS, R. (1980) *On explaining language change*. Cambridge.
- LEHMANN, C. (1982) *Thoughts on Grammaticalization. A programatic Sketch*. Köln.
- _____ (1985) Grammaticalization: Synchronic Variation and Diachronic Change. IN: *Lingua e Stile*, 20:303-318.
- _____ (1989) Grammatikalisierung und Lexikalisierung. IN: *Zeitschrift für Phonetik Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung*, 42: 11-19.
- LERCHNER, G. (1988) Der Diskurs im sprachgeschichtlichen Prozeß. IN: *Zeitschrift für Phonetik, Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung*, 41: 279-292.
- LIGHTFOOT, D. W. (1979) *Diachronic Syntax*. Cambridge.
- _____ (1991). *How to Set Parameters: Arguments from Language Change*. Cambridge/Mass. London.
- LORD, C. (1989) *Syntactic reanalysis in the historical development of serial verb construction in languages of West Africa*. Ph.D. Diss., Michigan.
- LÜDTKE, H. (1980). *Kommunikationstheoretische Grundlagen des Sprachwandels*. Berlin.
- MANNHEIM, K. (1928) Das Problem der Generationen, IN: Kölner Vierteljahresshefte für Soziologie, Bd. 7.
- MILROY, J. & L. MILROY (1985) Linguistic Change, Social Network and Speaker Innovation. IN: *Journal of Linguistics* 21: 339-384.
- RAIBLE, W. (Ed.) (1989) *Romanistik, Sprachtypologie und Universalienforschung*. Tübingen.
- _____ (1992) *Junktion*. Heidelberg.
- ROMAINE, S. (Ed.) (1982) *Sociolinguistic variation in speech communities*. London.
- _____ (1988) Historical sociolinguistics: problems and methodology. IN: AMMON et alii. (eds.) *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society*. Berlin/New York: 1452-1469.
- _____ (1982) *Sociohistorical Linguistics. Its status and methodology*.

- Cambridge.
- SPERBER, D. & D. WILSON (1986) *Relevance*. Oxford.
- STEIN, D. (1990) *The Semantics of Syntactic Change. Aspects of the Evolution of "do" in English*. Berlin.
- STOLZ, T. (1990). *Sekundäre Flexionsbildung*. Habil.-Schrift Bochum.
- SWEETSER, E. (1984) *Semantic Structure and semantic change*. Diss. Berkeley.
- ____ (1990) *From Etymology to Pragmatics*. Cambridge.
- TRAUGOTT, E. C. (1973) Le changement linguistique et sa relation à l'acquisition de la langue maternelle. IN: *Languages* 32: 39-52.
- ____ (1980) (Ed.) *Papers from the 4th International Conference on Historical Linguistics*. Amsterdam. 17-26.
- ____ (1989) On the rise of epistemic meanings in English: An example of subjectification in semantic change. IN: *Language* 65: 31-55.
- ____ & E. KÖNIG, (1991) The Semantics-Pragmatics of Grammaticalization Revisited. IN: E.C. TRAUGOTT & B. HEINE (Ed.) *Approaches to Grammaticalization*, vol II: Focus on Types of Grammatical Markers. Amsterdam/Philadelphia: 189-218.
- WEINREICH, LABOV & HERZOG (1968) Empirical Foundations. IN: LEHMANN & MALKIEL. *Directions for Historical Linguistics*. Austin, Texas.
- WURZEL, W. U. (1979) Grammatik und Nationalsprache, IN: W. MOTSCH (ed.). *Kontexte der Grammatiktheorie (Studia grammatica 17)*.
- ____ (1988) Zur Erklärbarkeit sprachlichen Wandels. IN: *ZPhSK* 4: 488-510.
- ____ (1990) Das Neue in der Sprache: Sprachwandel. IN: H. PARTHEY (Ed.) *Das Neue*. Berlin. 69-96.
- ____ (1991) Faktoren des Sprachwandels. C-L. Bailey gewidmet. IN: *Papiere zur Linguistik* 44/45: 159-173.